OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

11.º ANNO — VOLUME XI — N.º 340

1 DE JUNHO 1888

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Quando viamos as provas da nossa ultima chronica chegaram a Lisboa noticias terriveis, vindas de Milão, ácêrca de sua magestade o imperador do Brazil.

Essas noticias davam D. Pedro II ás portas da morte.

Não tendo feito caso das prescripções dos medicos, que lhe recommendavam o maximo socego, sua magestade continuou as suas viagens, os seus passeios, a sua vida tão activa que tanto o caracterisou na sua primeira viagem á Europa, e o resultado foi um aggravamento enorme de todos os seus padecimentos, umas peioras consideraveis que puzeram em eminente risco a sua vida, e que fizeram receiar muito para cada momento um desenlace fatal.

Os telegrammas davam sua magestade como perdido: os ultimos sacramentos tinham-lhe já sido ministrados e os medicos mais illustres chamados á pressa para junto da cabeceira do augusto doente, estavam já completamente desanimados.

Estas noticias tristes fizeram profunda sensação em Lisboa, e a Familia Real portugueza, a legação do Brazil, varios membros mais importantes da colonia brazileira em Lisboa, e muitos jornaes mandaram immediatamente pedir para Milão noticias frequentes e minuciosas do estado do imperador.

Essas noticias foram mais animadoras.

Graças a uma medicação energica, a injecções de cafeina muito amiudadas, conjurou-se o perigo eminente, e o estado do imperial enfermo, sem perder de todo a gravidade, começou a ser um pouco mais animador, a dar razão a algumas esperanças.

Esse estado felizmente tem-se mantido até agora.

As melhoras veem muito lentamente, mas veem, o que já é uma grande coisa.

Sua magestade El-Rei D. Luiz apenas soube do estado grave do imperador seu tio, a quem o ligam além dos laços do sangue, laços de estreita amisade, mandou immediatamente fazer preces pelas melhoras do augusto enfermo.

A colonia brazileira em Lisboa, que planeava dar um grande banquete—para o qual tinha já alugado o salão do theatro da Trindade — em commemoração do grande facto do seculo, — a abolição da escravatura no Brazil, addiou immediatamente a realisação d'esse banquete, em vista das desoladoras noticias ácêrca do estado de saude do illustre chefe da nação brazileira.

Em as melhoras de sua magestade imperial se accentuando mais levar-se-ha então a effeito esse banquete, que será uma bella e grande festa, digna do alto feito civilisador e humanitario que commemora.

Preparam-se em Lisboa mais duas festas brilhantes, uma de caridade, a que dá um grande relêvo a alta posição e a sympathia geral de que gosa a gentil senhora que se poz á frente d'ella—a kermesse da Junqueira organisada por sua alteza real a princeza D. Amelia; outra, uma brilhante festa nacional que decerto marcará epocha na nossa historia, a grande exposição industrial e agricola na Avenida da Liberdade.

A kermesse dura trez dias apenas, e começa no dia 1 de junho, no dia em que esta nossa chronica deve apparecer á luz.

Os srs. condes de Burnay puzeram á disposição de sua alteza a sr.ª duqueza de Bragança, os seus esplendidos jardins da Junqueira para n'elles se realisar a *kermesse*.

Para as barracas d'essa kermesse teem sido offerecidos premios d'uma alta elegancia e de grande valor.

N'uma das barracas venderá flores, sua alteza a princeza D. Amelia.

A Exposição Industrial inaugura-se, segundo nos dizem, no dia 6 do corrente mez e dura até fins de setembro ou meiados de outubro.

O OCCIDENTE occupar-se-ha minuciosamente, tanto em artigos como em gravuras, d'esta brilhante festa do trabalho, que de certo attrahirá a Lisboa grande numero de visitantes.

E juntamente com a Exposição industrial e agricola da Avenida da Liberdade falla-se já em importantissimos melhoramentos para esse excellente local, que é inegavelmente o mais bello de Lisboa.

Um d'esses melhoramentos e que vae começar já, apenas se abrir a exposição, é a illuminação de toda a Avenida a luz electrica.

A installação que se está fazendo para a competente machina é provisoria, mas antes da exposição terminar já ali estará installada a machina definitiva, que ficará illuminando sempre a Avenida e fornecerá luz electrica para os theatros proxi-

EXPOSIÇAO DE BELLAS-ARTES NO ATHENEU COMMERCIAL DO PORTO

COMPONDO REDES, POVOA — QUADRO DE MARQUES D'OLIVEIRA

(Segundo phototypia de E. Biel)

mos, inclusivé o de D. Maria e para os predios das immediações que se quizerem utilisar d'esse grande melhoramento.

O outro melhoramento é a realisação immediata do parque, e o prolongamento da Avenida das Picoas até ao Campo Grande.

Para se pôr em practica este importante trabalho, o sr. presidente de conselho de ministros apresentou na camara um projecto de lei, para ser declarada de utilidade publica a expropriação das propriedades rusticas e urbanas comprehendidas nas zonas, que forem necessarias expropriar-se para a realisação d'essa obra.

Ao mesmo tempo que á camara dos deputados é presente este projecto de lei, á camara municipal é lembrada por quasi todos os jornaes de Lisboa a acquisição do palacio e quinta do fallecido conde de Paraty na rua Saraiva de Carvalho, e que deve ir á praça no dia immediato áquelle em que estamos escrevendo, tendo por base de licitação o preço de vinte contos de réis.

Este palacio, que actualmente está alugado pela camara para uma escola municipal que ali funcciona, tem uma grande quinta que confina com o cemiterio dos Cyprestes e com o Passeio da Estrella.

Comprando essa quinta, abundantissima em nascentes d'aguas, a camara municipal poderá ampliar o jardim da Estrella e fazel-o communicar directamente com a rua Saraiva de Carvalho, o que seria realmente uma bella e utilissima obra a fazer para os moradores do bairro de Santa Izabel e Estrella e para o aformoseamento da cidade.

E já que está no debate o Passeio da Estrella, não seria mau que se pensasse em fazer a esse bello jardim, um dos mais formosos da cidade, a mesma operação que se tem feito a todos os outros jardins publicos de Lisboa—a extracção das grades.

O passeio do Rocio e o jardim da Praça das Flores já foram ha que tempos desengaiolados, e não comprehendemos muito bem o motivo porque o pobre Passeio da Estrella se hade ainda conservar dentro da jaula, ao passo que todos os seus confrades mais ou menos illustres se acham de ha muito á solta.

Eu bem sei que essa extracção importaria á camara municipal mais uns tantos réis de despeza em candieiros de gaz e em guardas para vigiarem á noite o recinto do Passeio da Estrella, que pelos accidentes do seu terreno, pela cascata subterrania e pela velha montanha russa se transformaria dentro em breve n'um jardim de Cythera, mas parece-nos que essa despeza valia bem a pena, para dotar a cidade com mais um formoso parque.

Ha muito tempo que lhes não fallo em theatros.

Hoje terminarei a minha chronica fallando n'elles, que no fim de contas, mercê da estação calmosa em que vamos entrando, já pouco dão que fallar de si.

O theatro de D. Maria está quasi a fechar as suas portas: antes de as fechar porém, deu uma comedia nova, que tem muita graça, é excellentemente representada e agradou immenso.

Chama-se *Guerra em tempo de paz* essa comedia, e faz parte do reportorio dramatico d'uma litteratura dramatica muito pouco nossa conhecida—a litteratura allemã.

Que nos lembre do theatro allemão só duas peças se deram do nosso tempo em theatros portuguezes: o *Gladiador de Ravenna* de Halin, em D. Maria, e o *Estudante pobre*, uma operetta com musica de Suppè, no theatro da Trindade, e ainda assim parece-nos que esta ultima foi já traduzida não do original allemão, mas já d'um *arreglo* francez.

A *guerra em tempo de paz* não nos veiu tambem directamente da Allemanha: chegou a Lisboa com bilhete de correspondencia pela Italia.

Seja porem como fôr, o que é certo é que é uma comedia graciosa, bem enredada e que faz rir durante cinco actos a fio, o que não é das coisas mais faceis em theatro.

O theatro do Gymnasio fechou já as suas portas sobre uma comedia nova hespanhola *O chapeu alto*, uma comedia d'embroglio, que tem graça, e fez rir muito o publico.

O theatro da Trindade parece que esta epoca alongará as suas representações até ao fim de junho, pois tem ainda em preparação uma bella comedia de Meilhac e Halevy. A *Cigarra*, transformada em operetta pelos srs. Accacio Antunes e Machado Correia e que terá de certo um grande exito, porque tem muita graça, e porque o papel principal, um papel difficilimo, que já vimos feito pela sua creadora, a Celine Chaumont, será desempenhado pela talentosa actriz Lucinda do Carmo.

A companhia do theatro do Principe Real do Porto, que tem estado a funccionar com agrado no theatro da Avenida, passa no primeiro do corrente mez a dar os seus espectaculos no theatro do Colyseu, inaugurando o theatro da Avenida uma nova epoca, que será com certeza brilhantissima, com a companhia dirigida por Sousa Bastos e de que é estrella de primeira grandeza a festejada actriz Pepa. N'essa companhia figuram artistas distinctissimos como Joaquim d'Almeida, Augusto de Mello, Diniz, Alfredo de Carvalho e tudo faz crer,—o merecimento dos artistas e alta competencia tão brilhantemente provada de Sousa Bastos como emprezario theatral—que Lisboa vae ter umas noites deliciosas no theatro da Avenida.

Que assim seja, porque estes quatro mezes que se aproximam, junho, julho, agosto e setembro, costumam ser d'uma semsaboria colossal em Lisboa.

Gervasio Lobato.

EXPOSIÇÃO DE BELLAS-ARTES NO ATHENEU COMMERCIAL

Realisou-se no salão do Atheneu Commercial do Porto, a segunda exposição promovida por um grupo de artistas, de que faz parte tambem o talentoso amador o sr. Xavier Pinheiro.

A exposição esteve em parte mais interessante e variada em assumptos do que a do anno passado, se bem que não se assignalasse nos trabalhos exhibidos progresso algum ou novidade palpitante por parte dos respectivos expositores.

De todos os *novos*. exceptua-se, comtudo, pelos seus progressos, Rodrigo Soares, que está estudando em Paris por meio de uma pensão particular e que começa a dar provas de que póde vir a ser um pintor de brilhantissimas qualidades.

São dous os trabalhos que enviou: um interior rustico e um estudo de mulher, em meio corpo.

O primeiro representa uma velha aldeã, sentada junto da lareira onde crepitam as labaredas de um pequeno monte de lenha.

A figura, que se parece muito com o modello das «Calças rotas» de Souza Pinto, é, além de expressiva, perfeitamente desenhada. O collorido caracteristico da phisionomia, enrugada e crestada, a disposição das roupas e a attitude naturalissima, realçam sobremodo a belleza d'esta figura, que se destaca bem no fundo sombrio do aposento ao qual põe uma nota alegre, pelo contraste, um pedaço de cortinado branco com listas azues, que pende da chaminé.

Não ha, como nos quadros de Souza Pinto, superabundancia de accessorios e esses mesmos tratou-os o artista apenas com o cuidado compativel com a importancia que devem ter no assumpto principal da téla.

Quanto a factura, sem haver excesso de empastes, todo o quadro está pintado com liberdade e firmeza.

A *cabeça de estudo* é um trabalho por egual estimavel. O busto, nú, tem uma carnação assetinada e palpitante de vida, a modellação é correcta, a côr geral agradavel. Pena é, porém, que o artista procurasse um modello tão *gauche*, tão antipathico, verdadeiro typo da *cocotte* noctivaga, como o patenteia aquella physionomia embirrante e aquelles seios flacidos e descahidos. É curiosa a predilecção que Rodrigo Soares tem pelas mulheres feias. Já quando estudante na Academia do Porto as suas preferencias tendiam, artisticamente, para essas excentricidades.

Souza Pinto, destaca-se, como sempre, nos trabalhos que exhibe, dous principalmente, são dignos do mais subido apreço: uma pintura a oleo e um pastel.

«Chegado tarde» é o titulo da primeira. Um rapazinho que se esqueceu, com o brinquedo, da hora do jantar, agita timidamente a aldraba da porta e espera com tristeza que esta se abra, porque prevê o correctivo que o aguarda. Á janella assomam as cabecinhas risonhas e zombeteiras de duas rapariguitas, talvez irmãs do retardatario. A scena passa-se em uma calçada pedregosa de aldeia. O assumpto não deixa de ser interessante e mais valioso se torna pelo modo como está interpretado e pela execução delicada, fina, que o artista dá ás suas tellas e que por vezes chegam ás minucias da miniatura.

O pastel é um retrato, em busto, de mulher, designada no catalogo com o nome de Mlle. Telini, artista lyrica. É um primor de naturalidade, de desenho, de colorido e de expressão, esta formosa cabeça, que constitue uma das *sensações* da actual exposição. E perante tantas bellezas reunidas n'esta obra-prima, chega a desculpar-se de boa mente o exaggerado afogueamento de uma orelha, que parece inundada de sangue e mesmo o vermelho demasiado vivo dos labios.

Além d'estes dous excellentes quadros, Souza Pinto expõe mais umas quatro paizagens, de uma importancia bastante secundaria, extremando-se apenas entre ellas a que tem por titulo «Nos campos» em que se destaca do meio de um campo matizado de pequeninas flores azues, um rapazinho collocando uma d'ellas no chapeu; e ainda uma outra em que ha um riacho, apesar do tom sombrio da vegetação.

O preço de todas estas pequenas télas é que é extraordinariamente excessivo, não nos parecendo este o melhor meio de animar os compradores. O quadrosinho «Chegado tarde», custa nada menos de 200$000. «Nos campos» um palmo de tela, 40$000. «Por entre o centeio», um trabalho de pequena importancia, 50$000, e os restantes em proporção. Para quem conhece a penuria do nosso mercado, exigir preços que mesmo em Paris não seriam obtidos, é um erro que redunda em prejuizo dos proprios artistas, e Souza Pinto tem já uma prova d'isso no seu quadro. «As calças rotas», para o qual ainda não conseguiu comprador, por causa do seu elevado custo. Não basta ter-se um bom nome; é preciso ser-se tambem equitativo, sobretudo em um meio em que os amadores se conhecem e se contam. Demais nós cá não temos o elemento *americano*, a providencia de muitos pintores parizienses. Os nossos *americanos* limitam-se a adornar as suas salas com oleographias.

O sr. Joaquim Victorino Ribeiro, um pintor de merito, que andava como que afastado d'estes concursos, limitando-se a apresentar em um ou outro, alguns esbocetos, expõe duas excellentes cabeças de estudo, ambas, do mesmo modello, mas de dimensões diversas. Uma e outra são magnificas de côr e de desenho, mas as nossas predilecções voltam-se para a mais pequena, pela sua energia e mesmo pelas suas qualidades como pintura. A maior, é illuminada por um recorte de luz com que não sympathisamos demasiadamente, por nos fazer lembrar o modo falso como alguns photographos costumam fazer sobresahir os perfis de certos retratos.

O referido artista exhibe ainda um formosissimo desenho, representando um moço varino. Esse desenho destaca-se pela suavidade das linhas e pela delicadeza da execução.

Marques de Oliveira não se extrema muito n'esta exposição, apesar do grande numero de quadros que apresenta.

O seu principal trabalho é o que se intitula «Compondo as redes». Em um quintal, na Povoa de Varzim, uma rapariga trabalha attentamente concertando uma rede de pesca. Ao lado, um recanto de horta em que sobresahem algumas couves, e ao fundo um predio.

A figura, muito gentil e graciosa no seu trage pittoresco, é solida, e acha-se irreprehensivelmente desenhada. Infelizmente as propriedades de côr é que deixam bastante a desejar, prejudicando assim o effeito geral do quadro. Na figura, por exemplo, a igualdade de tons barrentos da physionomia, braços e pernas é bastante desagradavel. Depois, tudo se acha envolvido em uma atmosphera indefinida, opaca, monotona.

Os outros trabalhos são na maior parte pequenas paizagens. Uma das melhores é sem duvida a que tem por titulo «A ria de Aveiro». Igualmente apreciaveis as que se denominam «Azenha, Azurara», «Lavadeiras», «Um caminho em Mogofores», «Praia de pescadores na Povoa», «Açude nos Arcos de Val-de-Vez», «Aveiro», e «Villa do Conde». O que porém se nota em todas estas paizagens é, além do tom sombrio da vegetação, apenas quebrado por alguma mancha alegre de roupagens, a pouca diafaneidade do firmamento, sempre triste, macisso, de um azul empastado.

O sr. Marques de Oliveira tem ainda na exposição um pequenino retrato de senhora, muito parecido e vibrante de colorido, e uma cabeça de pescador, em que nos parece immoderadamente carregado o vermelho da phisionomia, não dando assim a nota justa do torrado caracteristico d'esses typos maritimos.

Silva Porto é quem, no genero paizagem, sobresahe melhor, e nós que o anno passado n'este mesmo lugar notamos algumas degenerações nas qualidades de colorista que sempre lhe admiramos, temos a maxima satisfação agora, em assignalar o seu regresso á sua antiga maneira.

São quatro os quadros que expõe. Lindissima a «Azenha nas margens do Ave», em que o verde brilhante do arvoredo e a transparencia azulada do rio, se realçam no meio d'aquella atmosphera inundada de luz. É a melhor paizagem da actual exposição.

Muito pittoresco e interessante o «Caminho Velho em Entre-Rios». Um recanto de aldeia com as suas casinhas e duas figuras que animam a scena.

O «Caminho de Vizella» accentua-se pelos contrastes das manchas vermelhas e brancas de uma casa, com o verde suave de uma videira enroscada em uma arvore e que a cobre com os seus pampanos.

A «Ribeira de Caruncho, em Queluz», finalmente, consiste em um pedaço de paizagem agreste, mas impressivo de côr, em que se destaca, vigiado por um camponio, um boi bebendo em um regato.

Nos quadros agora enviados por Silva Porto, revivem em todo o esplendor os dotes que notabilisaram os primeiros trabalhos do insigne professor, depois do seu regresso de Paris.

Em todas estas tellas, banhadas de luz e impregnadas de bom ar, a natureza vê-se traduzida na justeza da sua tonalidade risonha que caracterisa a vegetação dos nossos campos. O *gris* acha-se banido d'ellas, e ainda bem.

Umas outras paizagens, igualmente muito agradaveis, são as de Antonio José da Costa, um dos raros *velhos* que ainda concorrem a estes certamens.

Dous dos seus quadrosinhos, principalmente «A renda da eira» e a «Casa da eira», tornam-se dignos de apreço pela viveza do colorido e pela sinceridade de execução.

Os seus processos de factura affastam-se do empaste usado por muitos dos nossos artistas modernos. O seu pincel é delicado, sem se tornar pueril. O artista preoccupa-se sobre tudo com o interpretar bem a impressão que recebe e transmitte-a tal qual a sente, sem duvida com uma certa ingenuidade, mas apropriadamente.

Basta vêr o tom setinoso da folhagem das canas de milho da «Renda da eira», as cambiantes de côr que distinguem as especies vegetativas que se confundem na feracidade dos nossos prados, a graça com que repousa aquelle pequenito, deitado á entrada da cabana, emfim o modo como estão tratados todos os detalhes das suas tellas e comprehender-se-ha que o seu author é um artista de merito.

Seu sobrinho Julio Costa é o que apresenta o melhor retrato, genero que não abunda este anno na exposição.

Esse retrato, em mais de meio corpo, é de um homem ainda moço. A similhança não pode ser maior e nos traços physionomicos acentua-se bem a individualidade caracteristica do retratado. Ha alli vida exhuberante, carnação vigorosa e colorido justo. As roupas e mais accessorios perfeitamente tratados. Apenas se nota, no negro retinto dos olhos, uma certa falta da transparencia vitrea peculiar a esses orgãos.

O mesmo artista apresenta ainda um outro retrato, pequeno, e igualmente parecido, de seu pae e uma cabecinha de creança, a que poz o titulo «Mimalha», pouco valioso como pintura.

Porto, abril.

(Conclue). *Manuel M. Rodrigues.*

AS NOSSAS GRAVURAS

PROJECTO DE MONUMENTO FUNERARIO A ANTONIO AUGUSTO DE AGUIAR

Devemos á obsequiosidade de um amigo nosso, e que foi tambem um grande amigo e admirador do benemerito professor e patriota Antonio Augusto de Aguiar, a photographia do projecto do monumento que reproduzimos em gravura e que vae ser levantado no Cemiterio Occidental para guardar os restos do eminente homem de sciencia, que a morte tão prematuramente arremessou para o tumulo, com grave perda para o paiz, que tanto tinha ainda a esperar do seu grande talento e da sua grande actividade.

O monumento que vae ser construido representa a gratidão dos portuguezes, muito principalmente das classes industriaes, pelo sabio e talentoso professor, que tanto pugnou pela industria nacional, illuminando-a com as luzes do seu espirito, animando-a para a lucta com o seu verbo inspirado, e preparando-lhe um futuro mais fecundo, no ensino das escolas industriaes com que a dotou, e que são um padrão de gloria da sua administração, da sua passagem pela esphera do poder.

Foi a *Associação Industrial Portugueza* que tomou a iniciativa do monumento a Antonio Augusto de Aguiar, abrindo subscripção publica para esse fim.

O producto da subscripção não attingiu, ainda assim, o que seria de esperar, apesar de muitos industriaes terem concorrido a ella, não permittindo a quantia realisada, que se fizesse obra de grande vulto.

Entretanto o projecto que temos presente é bastante desenvolvido para que a sua execução não exija maior quantia. Só o amor da gloria levaria o artista que o imaginou a pol-o em pratica, e n'isto se explica a razão porque o monumento a Antonio Augusto de Aguiar não foi posto a concurso, caso a que tem alludido a imprensa diaria, extranhando esta falta.

Quando Aguiar falleceu e a *Associação Industrial Portugueza* iniciou a idéa do monumento, achava-se em Lisboa o sr. José Pereira Lima Santos, apreciavel esculptor, discipulo da Academia de Bellas Artes de Florença, e este artista propoz-se a fazer o projecto do monumento e a executal-o sujeitando-se á quantia que a subscripção reunisse.

Foi-lhe acceite este proposta, que em nada prejudicava a abertura de um concurso, caso o projecto do sr. Santos não agradasse.

O projecto ahi está, e não só é de uma feliz concepção para o effeito, mas o custo da sua execução excederia muito a verba de que se dispõe, se o artista, como já dissemos, não reservasse apenas para si a gloria da sua obra.

O monumento terá de altura cinco metros e meio, e será de marmore de Italia, executado no atelier do sr. Santos, em Florença.

Sobre o pedestal quadrangular descansa o ataude em que devem ser guardados os restos de Aguiar, e um anjo da guarda defende o ataude empunhando na mão direita uma espada.

Em baixo vê-se a figura da industria que vem offerecer uma corôa de louro a Antonio Augusto de Aguiar, representado no medalhão em bronze relevado sobre o pedestal. Ao lado d'este e sentado sobre os degraus, o genio da Chimica escreve no pedestal a inscripção.

EGREJA MATRIZ DE CAMINHA PORTA LATERAL

Quem viajar pelo nosso paiz, por toda a parte encontra monumentos a attestarem a grandeza de Portugal nos reinados de D. João II e D. Manuel, o *afortunado*, que teve effectivamente a fortuna de governar o paiz na epoca porventura mais florescente, e de deixar o seu reinado bem assignalado por tantas obras monumentaes que ainda hoje fazem o orgulho de Portugal.

A egreja matriz de Caminha é um d'esses monumentos piedosos que attestam a grandeza do tempo em que foi feito, e lá escondido n'um recanto da provincia, ergue a sua magestosa construcção manuelina, ostentando todas as bellezas d'esta architectura que caracterisou a architectura nacional.

É este um dos templos mais grandiosos que se encontram no nosso paiz, o qual foi mandado edificar pela camara de Caminha, com esmolas do povo.

D. João II lançou a primeira pedra do edificio a 4 de abril de 1488, mas as obras proseguiram lentamente porque os recursos eram poucos.

Foi, porém, El-Rei D. Manuel que depois concorreu largamente para a construcção do templo, que se concluiu em 1500.

A gravura que publicamos e que é copia de uma photographia, que nos foi offerecida pelo distincto amador photographico sr. Claro Outeiro, representa a porta lateral d'este formoso templo, e deixa ver bem as bellezas da sua architectura, na qual não faltam os graciosos rendilhados do estylo manuelino, vendo-se por cima do arco da porta quatro estatuas dos apostolos mettidas em elegantes nichos, que rematam o portal.

Brevemente publicaremos mais algumas gravuras d'este bello edificio e diremos mais alguma cousa a seu respeito.

EXPULSÃO DOS JESUITAS

DE

PORTUGAL, BRAZIL, MADEIRA, AÇORES, ASIA E AFRICA

1759—1761

La storia s'interpreta e non si tortura.
MOLMENTI—*Vecchie Storie*, pag. 77.

I

PORTUGAL

Na noite de 16 de setembro de 1759 sahiram a barra de Lisboa os primeiros jesuitas expulsos, em numero de 133. Eram 11 de S. Roque, 20 de Santo Antão, 7 da Cotovia, 26 de Santarem, e os restantes 69 de Evora, Faro, Beja, Elvas, Portalegre e Villa Viçosa. Foram todos embarcados no brigue *S. Nicolau*, com destino a Civita Vecchia. E no principio de outubro seguinte estavam já ancorados defronte da Junqueira, para receberem outra léva de jesuitas, mais dois navios ragusanos, *Santa Maria Magdalena* e *S. Boaventura*.

N'esse intervallo os desembargadores José Henriques da Maia e Carlos Antonio da Silva Franco tinham conduzido para a casa de custodia de Azeitão, em cinco noites successivas, todos os regulares, sacerdotes do quarto voto e leigos ou coadjutores formados que ainda estavam em Santo Antão e em S. Roque. Os collegios do Paraiso, d'Arroios e de Setubal, que tinham apenas 9 religiosos, foram da mesma sorte evacuados.

De Santarem tinham ido tambem para Azeitão, na noite immediata á da partida dos principaes jesuitas, 13 leigos e 2 coristas do collegio d'aquella villa, acompanhados pelo corregedor da comarca e pelo resto da tropa que ainda estava de guarda ao mesmo collegio.

Em Evora ficara ainda o desembargador Lemos Monteiro, encarregado da custodia do collegio e dos que n'elle habitavam, com recommendação expressa de empregar «toda a vigilancia que faz necessaria á astuta perversidade de semelhantes homens para que com elles se não relaxe o menor ponto do aperto com que os deve ter.» Eram 111 segundo uma nota manuscripta da chancellaria do marquez de Pombal, que tem este titulo:—«Relação dos religiosos jesuitas que ficam no collegio de Evora, a que se reduziram todos os que havia na provincia do Alemtejo e reino do Algarve, depois dos que foram transportados para Azeitão por ordem de sua magestade expedida em 28 de agosto de 1759.»

«Coristas, mestres das escholas........	9
«Estudantes de philosophia..............	39
«Ditos de rhetorica......................	12
«Leigos...................................	29
«Noviços.................................	22
«Total......	111»

Vindo a saber-se depois que esta relação estava incompleta, (1) por haver ainda em Evora 14 religiosos do quarto voto, contra as anteriores resoluções do governo, pouco tardou que fossem mandados sahir.

Com effeito, na noite de 29 de setembro partiram de Evora para Benavente 18 regulares da Companhia de Jesus, observando-se na conducção d'elles o mesmo que se praticara com os primeiros que de lá tinham vindo na companhia do desembargador Novaes, pois durante todo o trajecto os presos não tiveram communicação com pessoa nenhuma, de qualquer estado ou condição. Foram estes agora confiados ao desembargador Romão José da Rosa Guião, que para esse fim tinha ido áquella cidade, e ao provedor da comarca.

Prevenido por um expresso a toda a diligéncia, o juiz do crime de Santarem apromptara em Benavente os barcos necessarios para o trans-

(1) Nada admira que assim succedesse por causa da pressa com que eram dadas e cumpridas as determinações do conde de Oeiras, as quaes eram tantas que elle mesmo confessa — «que o tempo é escasso para a expedição das ordens indispensavelmente necessarias.» — *Carta de officio ao desembargador Agostinho de Novaes e Campos*, de 4 de outubro de 1759.

EXPOSIÇÃO DE BELLAS-ARTES NO ATHENEU COMMERCIAL DO PORTO

CHEGADO TARDE — QUADRO DE SOUSA PINTO

FAINA DO CAMPO — QUADRO DE CUSTODIO ROCHA

VARINO — CARTÃO DE V. RIBEIRO

(Segundo phototypias de E. Biel)

porte fluvial. E de Benavente se foram em direitura para Coina, onde o juiz do crime do bairro de Santa Catharina, José Roberto Vidal da Gama, tinha preparado os meios de conducção precisos para os mortificados viajantes seguirem, sem perda de tempo, para a casa de custodia.

Mandára-se tambem proceder á arrecadação por inventario de todos os bens, ornamentos e cios e objectos do culto divino, emquanto se não recorria ao Papa «afim de que sua santidade haja de determinar as pias applicações que se hão de fazer das mesmas egrejas, alfaias e edificios.» Da mesma sorte se praticou em outras terras além do Tejo.

Em Azeitão o desembargador Novaes viu-se dentro em pouco tempo rodeado de sacerdotes do quarto voto, religiosos de votos simples, coa- este com as providencias necessarias, mas riu-se para dentro da pena que dava ao seu ingenuo servidor o conforto dos reclusos:—«Recebi—dizia elle em 3 de outubro— a carta de vm.cê, que trouxe a data de 30 de setembro proximo passado, com o sentimento que me deu a noticia do cuidado que affligiu a vm.cê, do qual o desejo e espero ver inteiramente livre.»

Tendo já ordenado em 22 de setembro que

PROJECTO DE MONUMENTO FUNERARIO A ANTONIO AUGUSTO DE AGUIAR

Pelo Esculptor J. P. Lima Santos (Segundo uma photographia)

alfaias dos altares e sacristias das casas que haviam pertencido á Companhia de Jesus em Lisboa, Santarem e Evora (e outras villas e cidades), tendo sido encarregados d'esse serviço, por avisos regios de 6 de setembro, os desembargadores José Henriques da Maia, Manuel Ignacio de Moura, Carlos Antonio da Silva Franco, Jeronymo de Lemos Monteiro, que estava em Evora, e o corregedor de Santarem, de accordo com as pessoas para esse fim nomeadas pelo cardeal patriarcha de Lisboa e pelo cabido *sede vacante* da Sé metropolitana de Evora, aos quaes, por cartas regias da mesma data, fôra incumbida a guarda das mesmas egrejas, edifi- djutores espirituaes e temporaes formados, estudantes, minoristas, coristas, leigos, noviços e recollectos, tanto dos que haviam ido de Lisboa e de Santarem como dos que tinham vindo de Evora, e ainda dos soldados das escoltas. Não tendo as acommodações precisas para tão grande numero de pessoas, algumas das quaes doentes, com justificada razão se amofinou, pois que de tudo carecia a triste vivenda sequestrada ao extincto ducado de Aveiro. [1] Recorrendo immediatamente para o conde de Oeiras, não faltou fosse entregue ao governador Novaes 1:000$000 réis, e que lhe mandassem do collegio de Evora 10 moios de trigo, 4 pipas de azeite, camas com suas roupas, trempes, caldeiras e pannos de cosinha e de meza, que pudessem alli escusar-se; e bem assim posto á sua disposição um mestre de obras para levantar 5 altares no logar que estava destinado para capella interior, em que se dissesse missa e se sacramentassem os enfermos, bem como para se fazerem bancos, mezas e outros arranjos domesticos, o conde de Oeiras attendera da mesma sorte ao provimento dos soldados, mandando que fossem logo socorridos e lhes dessem suas ajudas de custo. E ordenou ao

[1] Vide Occidente vol. 6.º pag. 251 e 252 com a gravura d'este palacio.

juiz do crime do bairro de Santa Catharina que mandasse para Azeitão todas as camas, moveis e roupas de cosinha, que fosse mister, tirando-as dos collegios de Lisboa, por estarem mais proximos; e tudo o mais que, sendo preciso, lhe fosse requerido por Novaes. Quanto ao alimento dos reclusos determinou que se computassem os sãos em 6 vintens diarios e os enfermos em 12. Porém, como sobreviesse nova reclamação do sollicito desembargador, foi-lhe permittido exceder essa verba, com relação aos ultimos, assim a respeito dos alimentos como dos remedios, visto que—segundo ponderava o conde de Oeiras—«a piedade de el-rei nosso senhor não tem limite, e se costuma experimentar ainda com aquelles que menos a merecem.»

Foi tambem avisado o cardeal patriarcha para mandar para Azeitão frontaes, paramentos, vestimentas, calices e outros objectos do culto divino, á excepção de um sacrario portatil, que tambem pedira o condescendente desembargador, mas tal não lhe permittiu o conde secretario de estado pelas obvias razões que elle proprio dá—«... não foi, porém praticavel remetter-se o sacrario portatil que vm.ce tambem apontou. Porque isso não é nem deve ser nem será nunca uma casa religiosa, mas sim uma reclusão de homens réos dos mais atrozes crimes de lesa magestade, dos quaes se não deve fiar a magestade do céo, depois de haverem abusado tão sacrilegamente da fidelidade devida á magestade da terra».—Em caso de accidente repentino, devia celebrar qualquer dos reclusos, sem necessidade de ser chamado o parocho, senão quando tal occorrencia succedesse á tarde ou á noite «termos nos quaes se não deve permittir que o referido parocho seja acompanhado da porta da prisão para dentro, senão pelos officiaes que vm.ce nomear para lhe assistir com tochas, podendo tambem ir prevenidos com capas para maior decencia.»

«Prisão» diz sem nenhum rebuço o conde de Oeiras, e fala verdade. Os reclusos não deviam ter nenhuma communicação externa, verbal ou por escripto, nem lhes era permittido o uso do tinteiro; quando doentes, não podiam falar com o medico, cirurgião ou qualquer outra pessoa, senão em presença do desembargador Novaes ou do commandante da guarda; e cumpria ás sentinellas estar sempre, não só da parte de fóra da clausura, mas collocadas a distancia tal que os religiosos nunca pudessem falar com os soldados.

A casa de custodia de Azeitão era, portanto, um presidio como o da Cova da Moura, em que se detiam os sentenciados a pena de degredo.

Alberto Telles.

INSTITUIÇÕES SOCIAES PORTUGUEZAS

AS SECRETARIAS D'ESTADO

(Concluido do n.º 337)

Em 1820, pela gloriosa revolução liberal, as côrtes constituintes imprimiram nos serviços publicos reformas rasgadamente liberaes. Entre essas ressaltam as que se realisaram nas secretarias d'estado. Determinou-se em 27 de setembro que os negocios da guerra e dos estrangeiros fossem separados nas suas attribuições, sendo igualmente desannexadas por decreto de 18 de agosto de 1821 (sanccionado no dia 23) as secretarias dos negocios do reino e da justiça, que em 1736 haviam sido aggregadas.

Por esses decretos ficaram pertencendo ao ministerio do reino além da distribuição de graças e mercês, todos os objectos concernentes á agricultura, industria, artes, estradas, canaes, minas, commercio e navegação interna, estabelecimentos pios, instrucção publica, bellas-artes e tudo relativo á estadistica e economia politica.

Ao novo ministerio dos *negocios da justiça, Ecclesiasticos e Segurança publica* ficaram pertencendo todos os objectos relativos á justiça civil e criminal; assumptos ecclesiasticos, prisões e policia.

Para ministro da guerra foi nomeado Manoel Martins Pamplona, nos negocios estrangeiros ficou Silvestre Pinheiro Ferreira, para o reino o desembargador Filippe Ferreira de Araujo e Castro, da pasta da justiça foi encarregado José da Silva Carvalho e finalmente para a fazenda foi José Ignacio da Costa.

Em 28 de junho de 1834 os negocios do ultramar, a cargo do ministerio da marinha, foram subdivididos pelas differentes secretarias de estado, mas a lei de 25 de abril de 1835 determinou que todos os assumptos que pertencessem aos dominios da corôa de Portugal na Asia, Africa e ilhas adjacentes, fossem dirigidos por meio de uma unica repartição, denominada *Secretaria d'estado dos negocios do ultramar*, devendo essa nova secretaria d'estado ser annexada a qualquer das seis então existentes, providencia que por decreto de 2 de maio seguinte foi melhor accentuada, ordenando-se que os negocios pertencentes ao ultramar ficassem a ser privativos do ministerio dos negocios da marinha, da mesma fórma como se achava estabelecido antes da promulgação do sobredito decreto de 28 de junho.

Em 1852, pela regeneração, foi subdividido o ministerio do reino. D'esse desdobramento resultou a creação do Ministerio das *Obras Publicas, Commercio e Industria.*

A esta secretaria d'estado ficaram pertencendo todos os assumptos relativos ás industrias agricola e fabris do paiz, bem como ao commercio interno e obras publicas e minas. Para gerir a nova pasta foi nomeado o conselheiro Antonio Maria Fontes Pereira de Mello, que desde logo impulsionou grandes desenvolvimentos a esses importantes ramos de administração publica, creando o concelho de obras publicas e minas, o concelho geral de commercio, agricultura e manufacturas, instituindo a intendencia das obras publicas e a rêde dos caminhos de ferro em Portugal; reorganisando o ensino industrial, desannexando dos negocios estrangeiros o serviço dos correios, creando o ensino agricola, fazendo adoptar em todo o reino o *metro*, como base do novo systema de pesos e medidas, emfim, mil outras medidas de grande alcance e utilidade que põem em relêvo a larga iniciativa d'aquelle eminente estadista, e evidenceiam o seu extraordinario talento e tino administrativo.

Foi ainda pela regeneração, que em 31 de dezembro de 1852, se eliminou o logar de ministro e secretario d'estado dos negocios estrangeiros, ficando as suas attribuições a cargo da presidencia do concelho; mas em 1 de junho de 1866, por carta de lei, foi novamente estabelecida a dita secretaria, determinando-se, comtudo, que os serviços dos correios, que lhe estavam affectos, continuassem a pertencer ao novo ministerio das obras publicas, commercio e industria.

Pela emboscada de 9 de maio de 1870, que derribou o ministerio historico, e deu o poder ao duque de Saldanha, a secretaria d'estado dos negocios estrangeiros foi supprimida por decreto com força de lei de 22 de junho, determinando-se que ficasse annexa á presidencia do concelho *ou a outra qualquer secretaria d'estado.* Da economia d'esta suppressão creou-se, pelo mesmo decreto, o *Ministerio de Instrucção Publica*, para o qual foi nomeado ministro e secretario d'estado o strenuo propugnador da nossa instrucção nacional e brilhante estylista o conselheiro D. Antonio da Costa de Sousa de Macedo, que precisamente na occasião em que delineava, em rasgados traços, uma profunda reforma nas nossas cousas de instrucção publica, foi exonerado, em vista da quéda imprevista do gabinete Saldanha, ficando por consequencia restabelecida a secretaria d'estado dos negocios estrangeiros, e derrogado o decreto que dizia respeito á utillissima instituição do ministerio de instrucção publica.

A carta de lei que derrogou a creação d'esse ministerio foi promulgada em 27 de dezembro de 1870, isto é, seis mezes apenas depois d'elle instituido!

Resta-nos dizer duas palavras pelo que respeita aos vencimentos dos ministros d'estado.

No seculo XVIII, o secretario d'estado ganhava annualmente 9:600$000 réis e mais 1:920$000 réis quando accumulava mais alguma pasta. Haviam então apenas quatro secretarias d'estado: reino e mercês; justiça; fazenda e obras publicas; marinha e conquistas.

No reinado de D. João VI os ministros tinham de vencimento 4:800$000 réis, sendo estes ordenados reduzidos a 4:000$000 réis pelas cortes de 1834-1835.

Depois da revolução de 1836 Passos Manoel limitou os ordenados dos ministros e secretarios d'estado á insignificante quantia annual de 3:200$000 réis, vencimento que actualmente ainda conservam, fazendo com que todos aquelles que no nosso paiz têem a desdita de gerir uma pasta, saiam de ordinario, d'esse encargo, ainda mais pobres e endividados que quando para lá entraram.

Silva Pereira.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

III

O dia do decimo oitavo anniversario da menina Ignacia Leitão foi um dia de festa rija no 3.º andar, que o duplamente bravo Leitão pae, bravo do Mindello e bravo da Dona Eustachia, occupava no predio da praça da Alegria, debaixo.

Desde pela manhã que n'aquella casa, ordinariamente pacata e tranquilla, reinava uma grande azafama de festa.

Demais a mais estava-se no verão, os annos tinham calhado ao domingo e por uma coincidencia jubilosa para a familia Leitão, havia n'essa noite fogo de vistas no Passeio Publico, fogo de vistas queimado no terraço pela habil pyrotechnica ingleza Madame Tournour, que ao tempo fazia as delicias da numerosa Lisboa, que corre a foguetes, com os seus engenhosos foguinhos artificiaes do Passeio Publico e da velha praça do Salitre.

Essa coincidencia dera um alegrão á menina Ignacinha e aos seus valentes progenitores, porque de graça, sem incommodo nenhum, o fogo do Passeio, mesmo defronte das janellas da sala, saleta e escriptorio do Leitão, vinha dar um novo e poderoso attrativo á soirée brilhante, com que tencionavam solemnisar esse fausto anniversario.

E o fogo do Passeio devia bem essa compensação ao bravo Leitão, que tanta vista tinha feito, em tempo, em fogo que não era de vistas.

Ordinariamente todos os domingos, desde que o verão tinha aquecido as noutes de Lisboa, que a madame Tournour queimava, por conta do municipio algumas peças de pyrotechnica no Passeio Publico, competentemente fechado, com umas extensas lonas collocadas em cima das grades, que o ladeavam, aos olhos curiosos e avidos da multidão, que, cá de fóra, queria gozar do divertimento sem gastar dinheiro.

E como n'este mundo, em todas as coisas, as difficuldades fazem redobrar o interesse e o desejo, quantas mais lonas se punham nas grades do Passeio, mais curiosidades se amontoavam no espirito da população, que não queria gastar seis vintens no bilhete de entrada, por esse espectaculo, que com tanto cuidado lhe vedavam.

E essa curiosidade levava a população a assaltar as casas de todas as pessoas do seu conhecimento, que tinham a fatalidade de morar na visinhança proxima do Passeio Publico do Rocio, a alastrar-se pelas janellas, e a arremetter triumphantemente com o chá, torradas e bolos, que os tristes donos d'essas casas não tinham outro remedio senão servir-lhe, contra a vontade, em sacrificio ás conveniencias sociaes.

A casa do sr. Leitão tinha sido uma das mais assaltadas pela sua bella collocação e a sua elevada altura, altura e collocação que permittiam das suas janellas disfructar-se excellentemente as rodinhas e os valverdes da celebre madame Tournour.

O Leitão, porem, como não nos temos cançado de o dizer, era um heroico militar, e resistiu briosamente a todos os assaltos.

—Amanhã á noite, lá vou a sua casa, se dá licença, diziam-lhe aos sabbados todas as pessoas das suas relações.

—Com immenso gosto, dão-me muito prazer, respondia elle com o mais amavel dos seus amaveis sorrisos, mas amanhã não estou em casa. Vou passar o dia fora com a familia...

—Mas vem á noite? perguntavam insistentes.

—A noite? Não venho, infelizmente não venho. Vou para Bellas, para casa d'um parente de minha mulher e ficamos para o dia seguinte, é o costume.

—Mas em sua casa fica alguem, não é assim? insistiam ainda os mais descarados e teimosos, e como a nossa visita amanhã não é para o senhor, mas sim para as suas janellas, nós podemos lá ir... o senhor dava ordem ás suas creadas...

—Perfeitamente, essa é boa! dava ordem com muito prazer, a casa está sempre ao seu dispor, approvava o Leitão outra vez com o mais amavel dos seus amaveis sorrisos, mas...

—Mas?...

—Mas é que não fica ninguem em casa; a creada vae comnosco e só vem no dia immediato, e eu levo a chave... senão fosse isso com todo o gosto.

Os assaltantes ficavam de cara á banda, conheciam-se completamente derrotados.

E então o Leitão heroico e magnanimo tinha dó d'elles, e animava-os dizendo-lhes com um tom docemente consolador:

— Mas não tem duvida... hade haver mais fogos... e então fica para a outra vez!

A outra vez chegava d'ali a oito dias, e ao mesmo tempo chegava tambem a mesma scena.

— Que ferro! Parece de proposito! exclamava o Leitão com uma colera lastimosa perfeitamente simulada. Não sabiamos que ámanhã havia outra vez fogo e compromettemos-nos com a tal parenta da minha mulher, e ámanhã lá voltamos para Bellas... Mas agora fica para domingo... Está combinado.

E no domingo seguinte o plano de defeza era modificado com umas ligeiras alterações, que lhe grangeavam a estima das pessoas da sua amisade, garantindo-lhe ao mesmo tempo o bom resultado da campanha.

Agora já não era elle que se tinha compromettido a ir a Bellas: era a parenta de sua mulher que tinha adoecido, e que lhe mandára pedir para a irem acompanhar.

— Bem veem que é um caso de força maior, dizia elle muito contristado. Os amigos e os parentes conhecem-se nas occasiões. Quando ella estava boa nós iamos lá todos os domingos: agora que ella está doente não podemos deixar de lhe ir fazer companhia, embora nos custe muito, como custa.

E d'ahi por deante, a doença da parente de Bellas ia-se aggravando d'oito em oito dias e as melhoras só appareciam com as primeiras chuvas d'outomno, quando as portas do Passeio Publico fechavam ás Ave Marias.

E era assim que o Leitão fugira sempre aos bolos sortidos, com que os moradores da praça da Alegria de Baixo acompanhavam, aos domingos e dias santos de guarda, os fuguetes de lagrimas da Mme. Tournour.

E n'essas noites de fogo, fizesse o calor que fizesse, as janellas da casa do Leitão conservavam-se hermeticamente fechadas, como se lá dentro não estivesse ninguem.

Quando porém a salva de morteiros gritando as suas bombas estridentes por cima dos pregões da *Bolachinha*, dos *Pastelinhos* e da *Agua fresca*, que passeavam entre a multidão apinhada na rua, annunciava que o fogo ia começar, os postigos das bandeiras das janellas de saccada do Leitão, abriam-se mansamente, e quando os foguetes estourando no ar illuminavam a escuridão da noite com as suas lagrimas multicores, quem olhasse para essas janellas, veria as caras do sr. Leitão pae, da sr.ª D. Eustachia, da Ignacinha e da criada, lá em cima, ao pé da simalha, esborrachadas de encontro ao vidro, amarellas, verde ou escarlates, segundo as côres com que a Mme. Tournour matisava os seus foguetes, assistindo curiosas e triumphantes e esse magnifico espectaculo, o que alvoraçava meia Lisboa.

O fogo de vistas do Posseio, portanto, devia uma compensação á familia Leitão, das longas noites de calor que a tinha feito passar fechada em casa, a sete chaves, e das compridas horas que a tinha obrigado a estar empoleirada nos mochos da cosinha, com o nariz de encontro aos vidros, para ver gyrar uma roda ou estourar um foguete.

Essa compensação chegou finalmente com os annos da Ignacinha.

A coincidencia servia duplamente a familia Leitão, porque ao mesmo tempo que lhe permettia animar rendosamente a sua festa com os deslumbramentos vistosos da pyrotechnica ingleza, permettia-lhe tambem o convidar as pessoas das suas relações para o fogo de vistas, monstrando assim, que a doença da parenta de Bellas não era um protexto para não as receber em casa, porquanto agora, que já nenhuma d'essas pessoas, tendo tirado o sentido das janellas do Leitão, lhe pedia para ir para lá ver o fogo, era elle o proprio que expontaneamente as convidava, e com bello chá, de mais a mais.

(Continúa). *Gervasio Lobato.*

RESENHA NOTICIOSA

Fallecimento. Finou-se em Coimbra o sr. dr. Albano de Andrade Moraes e Almeida, lente da faculdade de mathematica e inspector de instrucção secundaria. O dr. Albano nasceu em Santa Combadão a 25 de julho de 1819, e cursou a universidade de Coimbra, formando-se em mathematica no anno de 1852, de que foi um estudante muito distincto. Em 1855 foi nomeado lente substituto da faculdade de mathematica, obtendo depois a promoção a decano e director. Ha pouco foi jubilado, tendo sido sempre um funccionario prestante e incansavel no cumprimento dos seus encargos.

Machina Piloto. O professor Lecher da universidade de Vienna, inventou um machinismo que denominou *lorry de segurança* ou *machina piloto* destinada a evitar os discarrilamentos dos comboios nas vias ferreas. A *machina piloto* consta de alguns tubos de vidro cheios de mercurio dispostos de certa forma e que vão sobre os rails a 50 metros ou mais de distancia da locomotiva, com a qual estão em communicação por meio de um dynamo electrico, colocado sobre a mesma locomotiva, estabelecendo-se a corrente pelos rails. Qualquer obstaculo, que o pequeno machinismo encontre no seu caminho faz com que se partam os vidros que contem o mercurio, e assim interrompida a corrente o comboio pára no mesmo instante. As experiencias feitas em Vianna deram o melhor resultado.

Homem prehistorico. No Marão em umas escavações que se tem feito supõe-se haver encontrado vestigios do homem prehistorico. Foi encontrada grande quantidade de silex cortado em pontas de settas e em machados.

Um novo tenor portuguez. Estreiou-se no theatro Lavezzo, de Rovigo na opera a *Hebrêa* um tenor portuguez sr. Joaquim Tavares, natural de Coimbra. O novo tenor foi empregado no commercio, mas a sua vocação chamava-o para a musica e para o canto, e poude afinal satisfazer as suas aspirações graças a alguns amigos que o subsidiaram para ir estudar em Milão. Pelo que se vê aproveitou bem esse estudo, porque a sua estreia no referido theatro foi auspiciosa.

Real Gymnasio Club. Realisou em a noite de 26 do mez passado mais um explendido sarau gymnastico o Real Gymnasio Club em honra do sr. Antonio Infante. Alguns socios executaram magnificos exercios gymnasticos verdadeiramente primorosos. O sarau esteve muito concorrido por familias dos socios e convidados, havendo depois baile que terminou por um *cotillon* marcado pelo sr. Miranda de Castro. Agradecemos o convite que nos foi dirigido.

Retrato pintado por El-Rei D. Luiz. Sua Magestade El-Rei D. Luiz concluio um quadro de um retrato a oleo do sr. marquez d'Alvito, que nos consta estar muito parecido. El-Rei está pintando um outro retrato que é do sr. conde de Villa Nova de Cerveira.

Trigueiros de Martel. Falleceu no dia 22 do mez findo o sr. Trigueiros de Martel, um dos fundadores do jornal o *Seculo* e um dos mais decidios apostolos do partido republicano portuguez. Ainda na força da vida, pois contava apenas 38 annos de idade, a morte arrebatou-o d'entre os seus numerosos amigos e inutilisou aquelle bello talento, das luctas da imprensa.

Exposição de Barcelona. Foi inaugurada no dia 20 do mez findo, pela rainha regente de Hespanha, acompanhada do futuro rei D. Affonso xiii, a exposição universal de Barcelona. Foi a festa mais solemne e mais apparatosa que nos ultimos tempos se tem realisado em Hespanha, festa altamente sympathica para a civilisação universal e em que a maioria das nações se fizeram representar, enviando as suas esquadras ao formoso porto da capital da Catalunha, reunindo-se sessenta e sete vasos de guerra pertencentes á Inglaterra, á França, á Italia, á Hollanda, á Russsia, á Allemanha, á Austria, aos Estados-Unidos, a Portugal e á Hespanha, em honra de quem se achavam ali representadas estas nações. Nunca no porto de Barcelona se vira tão luzida esquadra cujo numero de boccas de fogo se eleva a 609, e 19:885 praças de guarnição. Esta manifestação de sympathia pela Hespanha, é altamente significativa, e deve ter compensado todos os esforços feitos para realisar o grande certamen na industriosa e activa Barcelona. Passemos uma rapida revista ao palacio da exposição, opulento e grandioso, onde as artes e as industrias de quasi todas as nações se exhibem a par dos productos das artes e da industria hespanhola. O palacio da Industria occupa uma area de 70:000 metros quadrados e tem a fórma de um enorme leque, dividido em 13 naves de 21 metros de comprimento por 10 de largura. A galeria central tem 36 metros de largura, havendo tambem um enorme salão de 131 metros de comprimento, por 40 de largura, com a altura de 28 metros. A fachada principal é de estylo bizantino, tendo dois torreões em que brilham dois focos de luz electrica. O palacio das Sciencias está estabelecido sobre uma superficie de 3:200 metros quadrados; n'este palacio ha tres grandes naves destinadas a machinas. O palacio das Bellas-Artes abrange a extensão de 5:000 metros quadrados. Tem um salão central que mede 60 metros de comprimento por 31 de largura e 35 de altura. N'este salão ha dois grandes orgãos que se communicam por meio da electricidade. Na galeria do primeiro andar ha 23 salas. Para a Agricultura ha um pavilhão á semelhança de uma granja. O café restaurante é de grandes dimensões, apresentando o aspecto de uma fortaleza da edade media. Dá entrada na exposição, pelo lado do passeio de S. João, um magestoso arco triumphal, de estylo arabe, com 25 metros de altura, 10 de largura e 8 de fundo. Em volta d'este arco vêem-se os escudos das provincias de Hespanha, rematados no feixo do arco pelo escudo d'armas de Barcelona. Aos lados sobresaem baixos relevos allegoricos, representando a cidade de Barcelona recompensando as nações que concorreram á exposição. São muitas e variadas as instalações especiaes, havendo algumas verdadeiramente luxuosas. Todas as provincias de Hespanha se acham dignamente representadas pelos seus productos na exposição. Das nações estrangeiras, é a França que se acha melhor representada; a sua exposição é importante tanto em numero de expositores como em productos. A Belgica figura com artigos de viagem, machinas e outros artigos de ferro, moveis, cordoaria, doçaria, obras de marmore e rendas. A Allemanha exhibe relogios, pianos, moveis, machinas, objectos de escriptorio, joelharia, candieiros, escovas etc. A exposição ingleza consta principalmente de carroagens, machinas, velocipedes electricos, e fundição. A China e o Japão acham-se dignamente representadas pelas suas magnificas sedas e bordados, moveis de charão a capricho, etc. As republicas do Chile e do Uruguay apresentam-se com distincção nos poucos productos que expõem. A Hungria tem uma instalação simples mas muito elegante em que expõe alguns productos. As exposições dos Estados Unidos e da Italia ainda estão muito atrazadas pelo que não se vêem ainda os productos com que concorrem. A Turquia tambem apresenta productos da sua industria oriental. Pena é que Portugal não concorresse a este certamen do trabalho, mas a exposição industrial e agricola que em breves dias se vae inaugurar em Lisboa justifica, até certo ponto, o não ter podido concorrer á exposição de Barcelona.

Monumento a Fontes Pereira de Mello. A commissão do monumento a Fontes Pereira de Mello resolveu adjudicar dois premios de 350$000 reis aos artistas Antonio Fernandez, de Sevilha, e a Simões d'Almeida, por considerar os projectos com que estes artistas concorreram ao concurso, em egualdade de circunstancias, conferindo ainda um terceiro premio de 200$000 reis ao sr. Moreira Rato pelo projecto que apresentou. Parece, entretanto, que nenhum d'estes projectos serão aproveitados e que se abrirá um novo concurso.

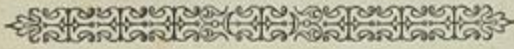
Aguarellas do Principe D. Carlos. Sua Alteza o Principe D. Carlos presenteou os cantores portuguezes Francisco e Antonio de Andrade com duas primorosas aguarellas de marinhas, que fez expressamente para offerecer a estes artistas.

A litteratura portugueza na Allemanha. O professor Storck, de Munich, traduziu para allemão os *Sonetos* de Anthero do Quental, o que tem sido objecto de largas discussões em conferencias e revistas litterarias, reconhecendo o grande merito do nosso poeta. O *Crime do Padre Amaro* de Eça de Queiroz está sendo traduzido na Allemanha por Madame Barsch, escriptora de grande merecimento.

Terramoto na china. As cidades de Shihpling e Chieushui na China, foram completamente destruidas por um terramoto. As victimas entre mortos e feridos ascendem a quatro mil e a miseria é espantosa, apesar dos socorros enviados pelo governo do celeste imperio.

Um cometa novo. No hemispherio austral foi ultimamente observado um novo cometa, cuja apparencia, no seu maximo brilho, em 6 de março, era a de uma brilhante nebulose de fórma elliptica, com grande cauda luminosa. Ao novo cometa foi posto o nome Holbers.

As artes graphicas em Leipzig. Empregam-se nos difrentes ramos das artes graphicas, em Leipzig, 34:172 operarios e 521 motores a vapor. O numero de machinas de impressão empregadas é de 731, sendo 10 machinas de rotação, 527 prelos mechanicos e 194 prensas lytographicas. As machinas auxiliares ascendem a mais de 1:000, accrescendo ainda cerca de 100 prelos

manuaes. A producção eleva-se a vinte e seis milhões de exemplares por semana. O consumo de papel é de vinte e oito e meio milhões de kilogrammas por anno.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Algumas considerações sobre Physiologia, Patologica e Pathogenia geraes *e sobre a pathogenia e o tratamento do Cholera Asiatico,* por Guilherme Candido Xavier de Brito. Rio de Janeiro, 1888. O autor d'este livro, um medico portuguez que concluiu o seu curso na Escola Medica-Cirurgica de Lisboa, em 1877, acha-se actualmente no Rio de Janeiro depois de ter estado por alguns annos nas republicas do Prata, onde exerceu larga clinica e estudando muito especialmente o terrivel flagello do Cholera. O seu livro, portanto, é o resultado d'esses estudos que elle submetteu ao criterio da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, o que lhe valeu os maiores louvores por parte do corpo docente, incluindo uma carta extramamente lisongeira para o sr. Xavier de Brito, do professor d'aquella faculdade dr. José Benicio de Abreu. É este o melhor elogio da sua obra, vista a competencia do critico sobre o assumpto scientifico de que se trata.

A Patria em perigo por Silva Jardim. S. Paulo (Brazil), 1888. Discurso proferido na cidade de Santos, em 28 de janeiro de 1888, sobre a situação actual brazileira.

Bibliotheca do Povo e das Escolas David Corazzi, editor, Lisboa, n.º 165, *Artilharia* por João Maria Jalles, capitão de artilharia. O que n'um pequeno livro de 64 paginas se póde dizer sobre tão vasto assumpto, acha-se perfeitamente tratado, abrangendo a parte technica, ou scientifica, e a historica, que é bastante curiosa.

Historia da Revolução Portugueza de 1820 *illustrada,* por José de Arriaga. Lopes & C.ª, editores, Porto. Fasciculos 23 e 24, primeiros do terceiro volume.

Relatorio da Administração do Congresso Beneficente Homenagem a Capello e Ivens *no primeiro anno social, apresentado em assemblea geral de 18 de julho de 1887, pelo seu presidente José Casimiro da Silva Pinto e approvado em assemblea geral de 4 de agosto de 1887.* Rio de janeiro 1888. Esta sociedade, fundada no Rio de Janeiro por occasião do regresso á patria dos valorosos exploradores Capello e Ivens, da sua viagem atravez da Africa, apresenta já uma vida de prosperidade que honra sobre modo os seus fundadores. É o que se conhece pela leitura do relatorio que deixamos mencionado.

Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa por Eduardo Freire de Oliveira. Tomo III, folhas 19 a 22 que continuam a inserir decomentos relativos ao seculo XVII e aos annos de 1630.

Revista Moderna redactor principal Heliodoro Salgado. Porto. N.º 4 do 1.º anno correspondente a 24 de abril. Artigos e poesias, e uma carta de Paris por Xavier de Carvalho.

Gazeta dos Caminhos de Ferro *de Portugal e Hespanha, navegação, commercio, portos, correios, telegraphos, minas,* folha collaborada pelos principaes engenheiros portuguezes. Director, L. de Mendonça e Costa, Lisboa, n.º 6 do 1.º anno d'esta publicação, unica no seu genero que vê a luz em Portugal, o que importa encarecer a sua utilidade, que a tem incontestavel. O summario d'este numero é o seguinte: Exploração dos caminhos de ferro pelo Estado e pelas companhias, por João Candido de Moraes; O congresso agricola e as tarifas dos caminhos de ferro; Parecer da commissão nomeada para examinar a ponte sobre o Tejo; Tarifas dos caminhos de ferro; Linha urbana de Lisboa; Caminhos de ferro de Traz-os-Montes; Caminhos de ferro asiaticos; Companhia dos caminhos de ferro portuguezes da Beira Alta; Relatorio apresentado pelo conselho de administração á assembléa geral ordinaria em Lisboa, 21 de abril de 1888, etc.

EGREJA MATRIZ DE CAMINHA—PORTA LATERAL (Segundo uma photographia do photographo amador sr. Claro Outeiro)

TYP. CASTRO IRMÃO — Rua do Marechal Saldanha 31 — Lisboa